

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**UM OLHAR SOBRE O CONSUMO BRASILEIRO DE BENS E SERVIÇOS
RECREATIVOS E CULTURAIS**

DAYANA MATTOS DE LOSSIO E SEIBLITZ

Graduanda do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Graduanda em Engenharia de Produção, com Ênfase em Produção Cultural, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UFRJ. Pesquisadora sobre o tema Ontologia Empresarial, no Núcleo de Pesquisa e Prática em Tecnologia. Bolsista de Iniciação Científica sobre o tema Economia da Cultura.

ANDRÉA SOARES BONIFÁCIO

Doutora pela UFRJ, Professora do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Graduada em Matemática pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Fluminense/UFF. Mestre em Informática. Doutora e Pós-doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professora do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Atua com pesquisa, na área da economia da cultura, teoria espectral de grafos e pesquisa operacional.

ANDREIA RIBEIRO AYRES

Doutora pela UFRJ. Professora do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Graduada em Economia pela Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em engenharia de produção. Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professora do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO. Atua com pesquisa na área da economia da cultura, desenvolvimento econômico e turismo e desenvolvimento social.

Resumo: O objetivo do trabalho foi descrever os gastos das famílias brasileiras com Recreação e Cultura fazendo um recorte por região rural e urbana, rendimento médio, nível de escolaridade e localização geográfica do domicílio a fim de identificar o seu potencial de mercado. Para isso, nossa fonte de dados foi a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2002-2003 e 2008-2009. O conhecimento dos gastos com bens e serviços recreativos e culturais, além de ratificar o seu potencial de mercado, evidenciou que tais dados podem subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas para o setor cultural.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Economia da cultura; Recreação.

**A LOOK AT THE BRAZILIAN CONSUMPTION OF RECREATIONAL AND CULTURAL
GOODS AND SERVICES**

Abstract: The purpose of this study was to describe the spending of brazilian families with Recreation and Culture making a cut by countryside and urban region average income, education level and home's geographic location in order to identify their market potential. For this, our data source was the Household Budget Survey (POF) 2002-2003 and 2008-2009. The knowledge of spending on goods and recreational and cultural services, besides confirming its market potential, showed that such data can support the formulation of public policies' for the cultural sector.

Keywords: Development; Cultural economy; Recreation



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

Polêm!ca, v. 12, n.2 , abril/junho de 2013

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Introdução

Estudar os gastos das famílias brasileiras com recreação e cultura nos permite entender como se comporta a demanda dos serviços e bens recreativos e culturais, assim como pode dar subsídios para a formulação de políticas públicas voltadas para este setor.

De acordo com Tolila (2007), a área da ciência econômica que estuda o mercado de bens e serviços culturais é caracterizada por uma carência de dados atualizados e por uma grande dispersão dos mesmos. Esta afirmação é corroborada, no caso brasileiro, pelo fato de somente em 2004 o Ministério da Cultura (MinC) ter firmado convênio com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com a finalidade de organizar e desenvolver uma base de dados relacionada ao setor cultural brasileiro. Talvez pela falta de estatísticas e dificuldade de se dimensionar o setor cultural, na esfera acadêmica ainda são poucos os estudos sobre a produção, consumo e distribuição dos bens culturais, o que dificulta a condução e elaboração de políticas públicas para este segmento.

Diante do exposto, o presente artigo busca aumentar qualitativamente a coletânea de trabalhos sobre o assunto de modo a contribuir com outros pesquisadores que tenham interesse pelo tema. Em nosso estudo vamos utilizar dados dos anos 2000 da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE referentes à recreação e cultura, termos estes que remetem às seguintes áreas: *Economia do Entretenimento e Economia da Cultura*.

Definir Economia da Cultura não é uma tarefa das mais fáceis devido às diferenças e amplitude das atividades que a compõe. Esta área da ciência econômica, na qual se estuda o consumo, produção e circulação de bens e serviços culturais, ganha destaque na década de 60, a partir do momento em que passou a ser vista como peça fundamental para o desenvolvimento do capitalismo atual (LIMA et al., 2006). Atualmente, a cultura vem sendo promovida cada vez mais como elemento de identidade nacional e como um fator de competitividade, tanto que a definição desse



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

Polêm!ca, v. 12, n.2 , abril/junho de 2013

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

termo ganha diferentes conotações de acordo com os interesses dos países. No Brasil, é o setor que registra maior crescimento, sendo considerado pelo governo como estratégico para o desenvolvimento interno e sua inserção internacional (PORTA, 2008).

Os estudos mostram que as atividades do campo cultural são de baixo impacto ambiental e têm potencial altamente inclusivo, particularmente das minorias sociais, portanto contribuem para o desenvolvimento socioeconômico. Além disso, o setor cultural é uma grande fonte de emprego por valor investido e a remuneração dos profissionais da área está acima da média.

A economia da cultura engloba as artes visuais e performáticas e as atividades das indústrias culturais e criativas. Entretanto, mais recentemente, o termo Economia Criativa ganhou destaque nos discursos de grandes órgãos internacionais. Este termo foi cunhado na Austrália, em 1994, com a ideia de indústrias criativas. Em 1997, foi adotado pelo Reino Unido, que deu uma definição abarcada pelas políticas públicas desvinculada das políticas culturais, uma vez que enfatiza o potencial de exploração econômica da propriedade intelectual. O enfoque britânico se tornou modelo para diversos países.

Em 2006, o MinC lançou o Programa de Desenvolvimento da Economia da Cultura (Prodec) que abrange os setores que compõem atividades de cunho cultural-artístico e também as de cunho criativo. No ano de 2010 foi criada a Secretaria da Economia Criativa cujo plano de ação para 2011-2014 define cinco campos de atuação: Patrimônio (material, imaterial, arquivos e museus); Expressões culturais (artesanato, culturas populares, indígenas, afro-brasileiras e artes visuais); Artes de espetáculo (dança, música, circo e teatro); Audiovisual, livro, literatura e leitura (cinema, vídeo, publicações e mídias impressas) e; Criações funcionais (moda, design, arquitetura e arte digital).



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A importância econômica dos setores da economia da cultura no mundo dos negócios, especialmente nos Estados Unidos, é um dos fatores que impulsionaram o surgimento do termo Economia do Entretenimento (FRIQUES, 2012).

De acordo com Earp (2006), as áreas da economia do entretenimento são: a economia da cultura, a economia dos esportes, a economia do uso do tempo e a economia do turismo. A demanda desse setor é dependente das variáveis: tempo, renda e gosto do consumidor. Porém, a última variável é considerada a mais difícil de analisar, tendo em vista sua característica subjetiva. O tempo pode ser dividido em tempo livre (repouso ou lazer) e tempo de trabalho. Durante o tempo de lazer, o indivíduo pode se dedicar a realizar algumas das atividades de entretenimento, contudo isto pressupõe algum tipo de gasto. As variáveis tempo livre e renda possuem relação inversa, ou seja, uma elevação da renda pode significar a redução do tempo livre. Como desdobramento, tem-se que o aumento do tempo de trabalho, por conseguinte, representa menos tempo disponível para o lazer. Este efeito é conhecido como o *paradoxo do entretenimento*.

De acordo com Stein e Evans (2009 apud FRIQUES, 2012), cinco grandes segmentos compõem a economia do entretenimento: recreação, mídia eletrônica, artes e lazer, interativos e comunicação.

A distinção entre Economia da Cultura, Economia Criativa e Economia do Entretenimento ainda não está clara na literatura atual. Friques (2012) faz as seguintes perguntas: “Economia do Entretenimento é a mesma coisa que Economia da Cultura?” e “Levando em conta os horizontes contemplados pelas duas áreas, haveria necessidade em se definir a Economia Criativa?”.

Nosso objetivo não é encontrar respostas para tais questões, mas apresentar um referencial teórico para entender como se comportam os gastos das famílias brasileiras com aquisição de bens e serviços de teor recreativo e cultural. Está claro, entretanto, que os dados que trabalhamos englobam as atividades das chamadas Economia do Entretenimento ou Economia da Cultura ou de ambas.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Método

O estudo trata de uma pesquisa descritiva, no que se refere ao seu objetivo de descrever determinado fenômeno e estabelecer relações entre variáveis (GIL, 1991). Envolve pesquisa documental, uma vez que utiliza documentos de fontes secundárias, como tabelas estatísticas do IBGE, e pesquisa bibliográfica sobre o tema abordado.

Para atingir os objetivos propostos foi feita a análise dos dados referentes aos gastos com recreação e cultura das famílias brasileiras, obtidos das duas publicações mais recentes da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), anos 2002-2003 e 2008-2009, ambas publicadas pelo IBGE. Os períodos de coleta dos dados da primeira e da segunda POF foram de julho de 2002 a junho de 2003 e de maio de 2008 a maio de 2009, respectivamente. Para ilustrar a evolução dos gastos das famílias com recreação e cultura construímos gráficos comparativos entre as POF.

Para estudar a evolução do consumo de bens e serviços recreativos e culturais das famílias, foi necessário se ater aos tipos de despesas com recreação e cultura delimitados pela POF: despesas com brinquedos e jogos (bola, boneca, software etc.), celular e acessórios (aparelhos e acessórios de telefonia celular), livros, revistas e periódicos não didáticos (jornais, revistas infantis etc.), recreações e esportes (cinema, teatro, futebol, ginástica, artigos de caça, pesca, camping etc.), instrumentos musicais, equipamentos esportivos, artigos de acampamento e demais despesas similares.

Como utilizamos duas publicações da POF, para que tal análise fosse adequada, seguimos os cuidados indicados por Diniz et al. (2006), isto é, consideramos os aspectos geográficos e os diferentes escopos das pesquisas, o contexto socioeconômico da época e as diferenças metodológicas na construção dos dados.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Resultados

As despesas familiares estão organizadas na POF de acordo com os seguintes grupos: alimentação, habitação, vestuário, transporte, higiene e cuidados pessoais, assistência à saúde, educação, recreação e cultura, fumo, serviços pessoais e despesas diversas.

Os dados mostram que a participação no orçamento familiar do grupo recreação e cultura é baixa. Dentre os grupos de despesas citados acima, na POF 2002/03, as despesas com recreação e cultura representavam a 8ª maior participação nos gastos nacionais com consumo. Na POF seguinte, passou para a 9ª posição invertendo-se com o grupo higiene e cuidados pessoais (Gráfico 1).

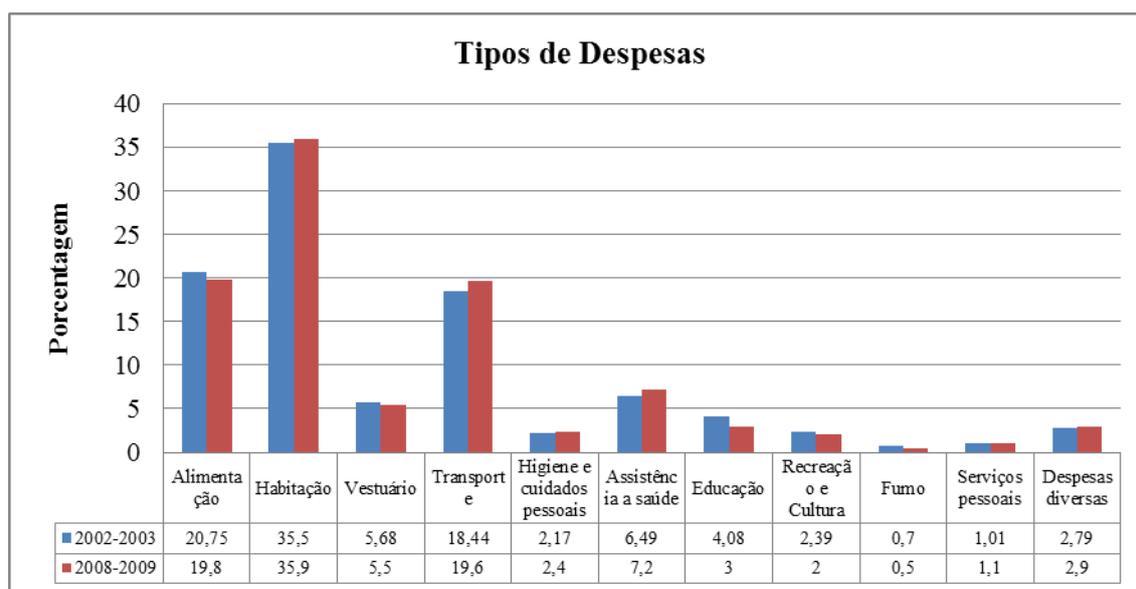


Gráfico 1: Tipos de Despesa × Porcentagem da Renda Familiar Gasta.

Observou-se que quanto maiores as faixas de rendimento maiores são as despesas com recreação e cultura. Cabe ressaltar que estes gastos são mais expressivos



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

na área urbana, pois chegam a ser duas vezes maiores do que na área rural (Gráfico 2 e Gráfico 3)¹.

A tendência de crescimento dos gastos com recreação e cultura apresenta uma redução apenas na última faixa de rendimento. Isto pode ser explicado, em parte, pelo supracitado *paradoxo do entretenimento*.

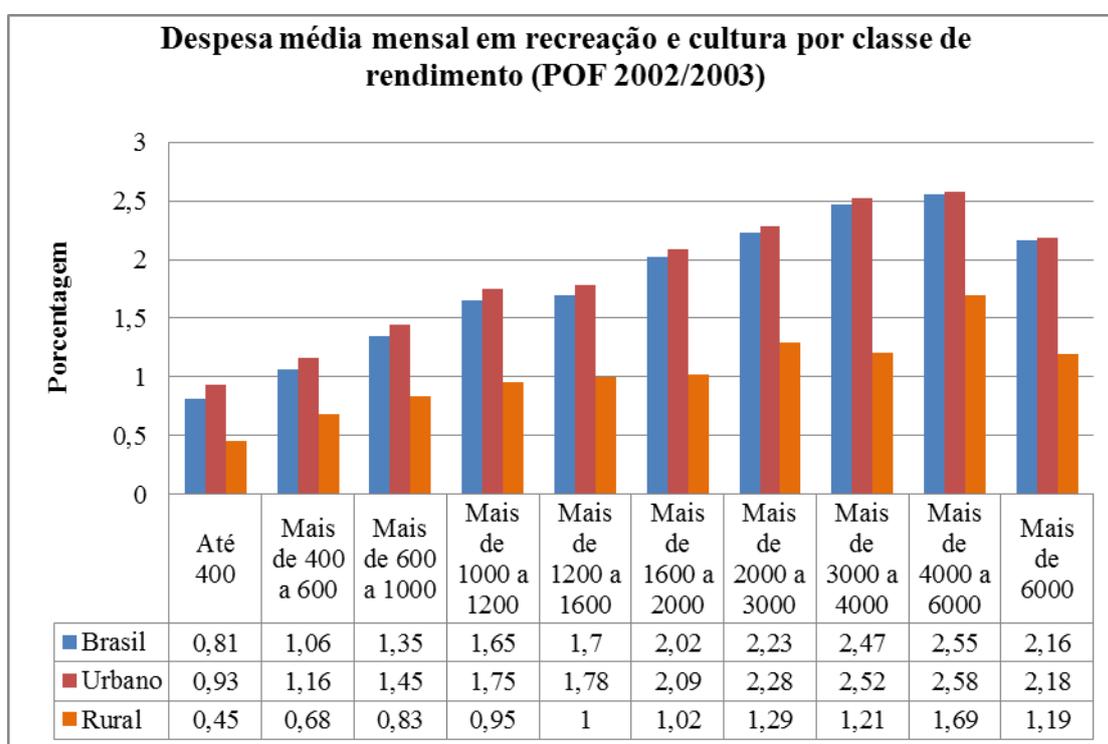


Gráfico 2: Despesa Média Mensal Porcentagem da Renda Familiar Gasta.

¹ Os valores monetários dos gráficos 2 e 3 estão em reais (R\$)



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

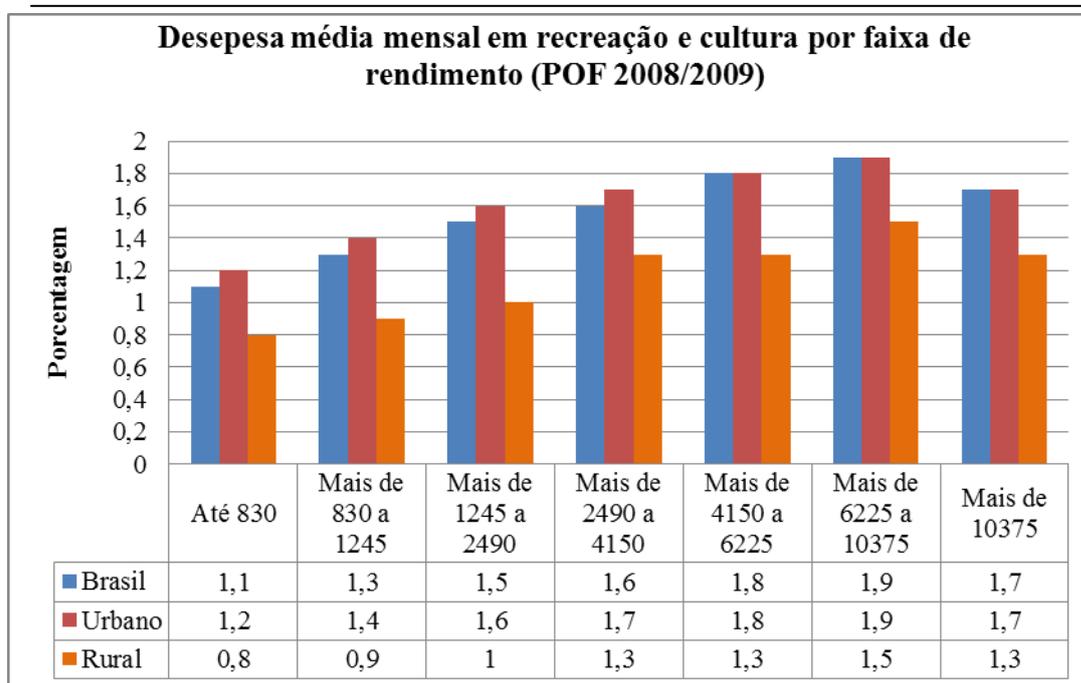


Gráfico 3: Despesa Média Mensal × Porcentagem da Renda Familiar Gasta.

A análise por região, na POF 2002/03, mostrou que os gastos com recreação e cultura são maiores no Sudeste, seguido pelas regiões Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Destacamos, porém, que a região Centro-Oeste, na POF mais recente, passou a ser a que menos gasta com recreação e cultura (Gráfico 4).



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

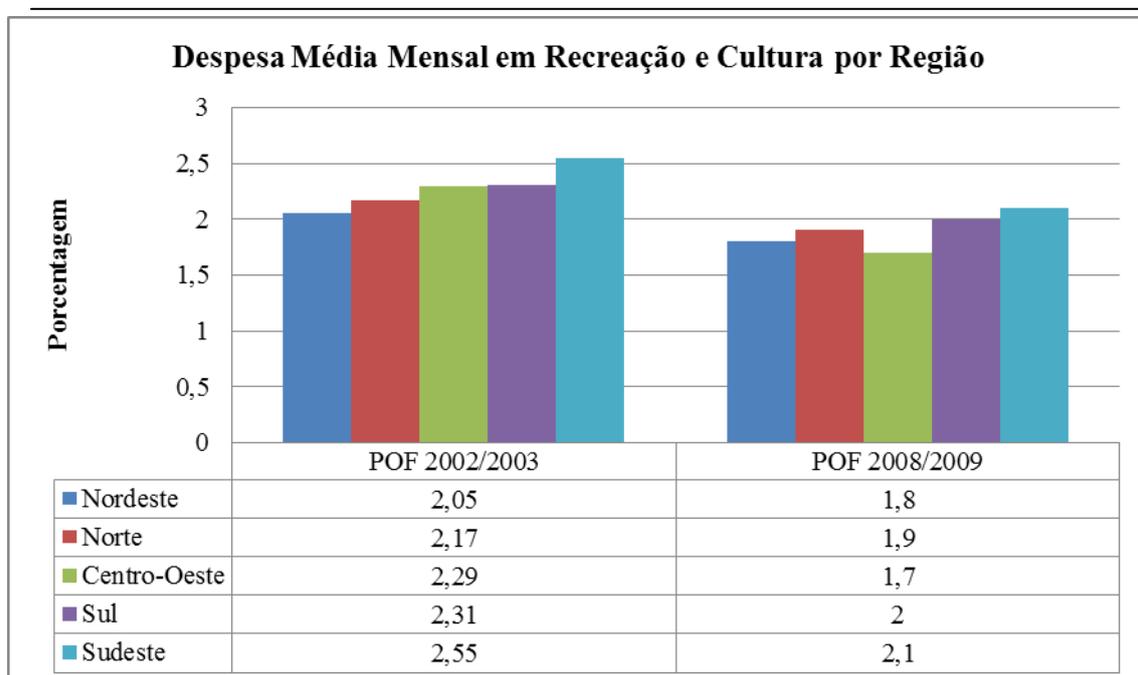


Gráfico 4: Despesa Média Mensal em Recreação e Cultura por Região × Porcentagem da Renda Familiar Gasta.

A POF 2002/03 não apresenta dados relacionados à influência da escolaridade de nível superior completo ou incompleto da família, tampouco da quantidade de anos de estudo da pessoa de referência da família. Na POF 2008/09, para os tipos de despesa por anos de estudo (Gráfico 5), observamos que quanto maior for o tempo de estudo maior é a despesa com recreação e cultura, exceto pelo fato que os gastos da segunda faixa (1 a 3 anos de estudo) são menores do que os da primeira (menos de 1 ano de estudo). É possível verificar, também, que quanto maior for o número de pessoas com nível superior completo ou incompleto residindo no domicílio, maiores são as despesas com recreação e cultura (Gráfico 6).



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

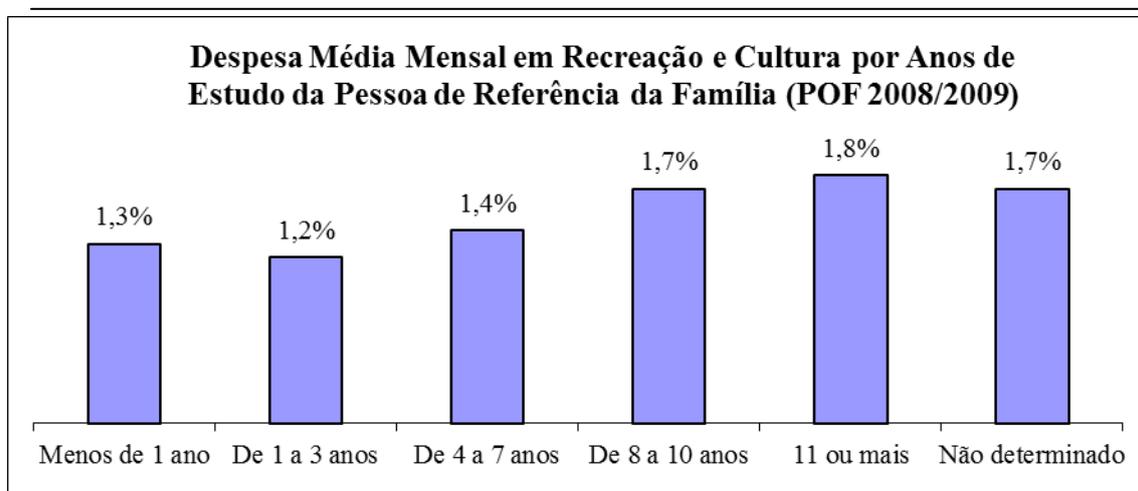


Gráfico 5: Anos de Estudo × Porcentagem da Renda Familiar Gasta em Recreação e Cultura.

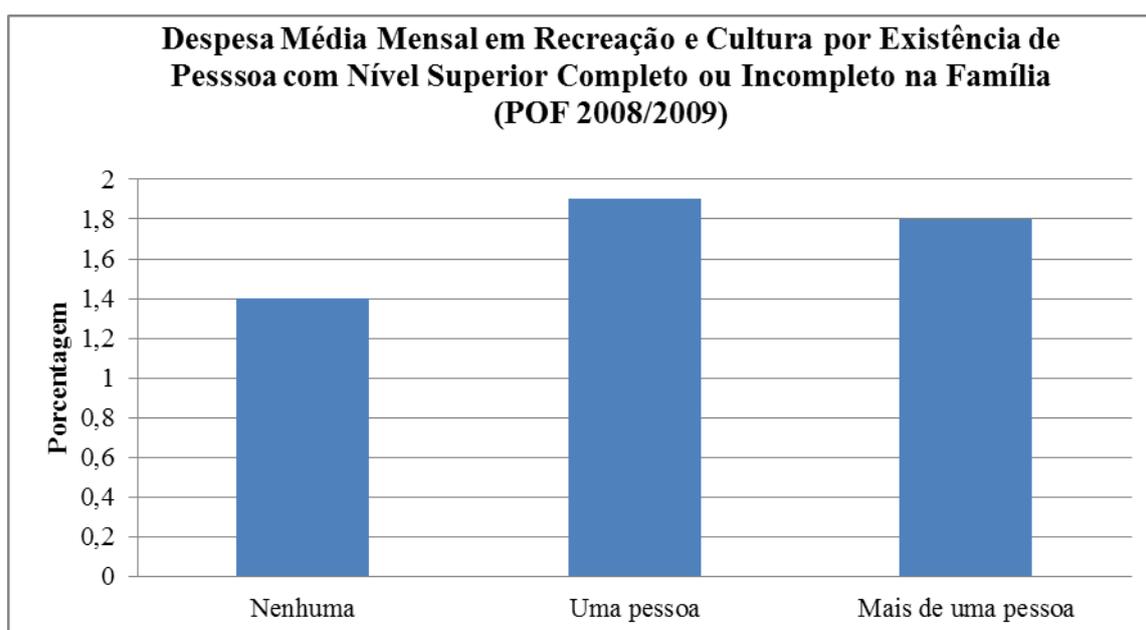


Gráfico 6: Quantidade de Pessoas com Nível Superior × Porcentagem da Renda Familiar Gasta em Recreação e Cultura.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Conclusão

Comparando as duas POF, é possível perceber que o comportamento dos gastos com recreação e cultura manteve-se, na última década. O consumo de bens e serviços culturais e recreativos das famílias da zona urbana permaneceu maior do que da zona rural. Os gastos continuaram maiores para famílias com rendas mais elevadas, independente de estarem localizadas na zona rural ou urbana. Conservaram-se maiores as despesas com recreação e cultura, em média, relacionadas aos anos de estudo que tem o membro de referência da família, exceto pela primeira faixa de escolaridade, que ultrapassa a segunda.

Contudo, percebeu-se que, comparativamente, as despesas com recreação e cultura no ano 2008/09 foram menores do que as em 2002/03. É possível que esta redução esteja relacionada, em parte, com a crise financeira internacional, iniciada em setembro 2008, nos Estados Unidos, com ressonância em diversos países. No Brasil, o Produto Interno Bruto (PIB) - a soma dos bens e serviços produzidos internamente num determinado período – apresentou uma retração de -0,3% no ano de 2009. Desta forma, é provável que a queda no nível de emprego e renda, fruto da crise, tenha afetado as despesas com recreação e cultura das famílias brasileiras em 2008/2009, principalmente se levarmos em conta a relação destas despesas com o fator renda e o enquadramento destes bens como de luxo. Os bens de luxo são aqueles cujo consumo é diretamente proporcional à renda da família. Ou seja, se há um acréscimo na renda, o gasto com este tipo de bem é aumentado; se existe um decréscimo no rendimento, o dispêndio cai.

Os dados indicam que há uma grande diferença no dispêndio com recreação e cultura entre áreas urbanas e rurais, assim como entre as regiões geográficas. Com isso, são demonstradas as desigualdades regionais que podem estar relacionadas, entre outras coisas, com a quantidade disponível de equipamentos recreativos e culturais e com o nível de renda de cada região, já que os rendimentos por unidade de federação acompanham as posições de dispêndio com cultura e recreação.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A partir da delimitação da POF, podemos perceber que há uma variedade de setores, como criação de softwares e telefonia móvel, envolvidos, direta ou indiretamente, na produção dos bens e serviços voltados para recreação e cultura. Se ultrapassarmos as barreiras do baixo orçamento direcionado à recreação e a cultura, principalmente para as famílias de menor poder aquisitivo, e das diferenças entre urbano e rural, podemos dizer que os vários setores envolvidos na produção destes bens e serviços têm potencial de crescimento, na perspectiva de longo prazo. Entretanto, é fundamental que o país consiga manter a trajetória de crescimento econômico, a redução das taxas de desemprego e a mobilidade social, mas, principalmente, que passe a promover a aproximação entre educação e cultura a partir da perspectiva do desenvolvimento com inclusão socioeconômica. Desta forma, os governos devem se preocupar em formular políticas públicas que deem à população condições de acesso a estes bens e serviços, especialmente para as faixas de menor rendimento; promovam a qualificação profissional para inserção no mercado de trabalho; foquem no potencial cultural local para promover o desenvolvimento regional.

Referências

DINIZ, Bernardo, P. Campolina, SILVERIA, Fernando Gaiger, BERTASSO, Beatriz Freire, MAGALHÃES, Luis Carlos de e SERVO, Luciana Mendes Santos. As Pesquisas de Orçamentos Familiares no Brasil. In: SILVERIA, Fernando Gaiger; SERVO, Luciana Mendes Santos; MENEZES, Tatiane e PIOLA, Sérgio Francisco. **Gasto e Consumo das famílias brasileiras contemporâneas**, volume 2, IPEA, Brasília, 2007, cap. 1, p. 17-74.

DINIZ, Sibelle Cornélio e MACHADO, Ana Flávia. **Consumo de Bens e Serviços Culturais nas Metrôpoles Brasileiras – Uma Análise a Partir de Dados da POF**. Salvador. Maio 2009.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

Polêm!ca, v. 12, n.2 , abril/junho de 2013

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

DINIZ, Sibelle Cornélio e MACHADO, Ana Flávia. **Análise do Consumo de bens e serviços artísticos culturais no Brasil metropolitano**. Anais do XXXVII Encontro Nacional de Economia, 2009.

EARP, Fábio Sá, Tendências do Entretenimento nas próximas décadas. In: KAMEL, José A. (org.) **Engenharia do entretenimento: meu vício, minha virtude**. Rio de Janeiro. E-papers, 2006, pag. 47-54.

FRIQUES, Manoel Silvestre, **Economia da Cultura e Economia do Entretenimento: hiatos e abreviações**, Anais do VIII ENECULT, 2012.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GREMAUD, Amaury; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de e JÚNIOR, RudineiToneto, **Economia Brasileira Contemporânea**, 7ª edição, ed. Atlas, 2007.

LIMA, Carmen Lucia Castro, FRANCA, César de Oliveira e MATTA, João Paulo Rodrigues. **Notas sobre Economia da Cultura**, 2006. Disponível em: http://www.ulepicc.org.br/arquivos/ec_carmencesarjoao.pdf. Acesso em: 18 nov. 2012

MICHEL, Reunalt. Economia Brasileira: Trajetória Recente e o Comportamento do Mercado de Trabalho. In: BISPO, Carlos Roberto; VAZ, Flávio Tonelli, MARTINS, Floriano José e MUSSE, Juliano Sander. **Crise Financeira Mundial: Impactos Sociais e no Mercado de trabalho**, ANFIP, Brasília, 2009 – p.171-186.

PORTA, Paula. **Economia da Cultura – um setor estratégico para o país**, 2008. Disponível em: <http://www.cultura.gov/2008/04/01/economia-da-cultura-um-setor-estrategico-para-o-pais>. Acesso em: 15/11/2012



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

SILVA, Frederico Barbosa da, ARAÚJO HerttonEllery e SOUZA, André Luis. O Consumo Cultural das Famílias Brasileiras. In: SILVERIA, Fernando Gaiger; SERVO, Luciana Mendes Santos; MENEZES, Tatiane e PIOLA, Sérgio Francisco. **Gasto e Consumo das famílias brasileiras contemporâneas**, volume2, IPEA, Brasília, 2007, cap. 3, p. 105-141.

TOLILA, Paul. **Cultura e Economia: problemas, hipóteses e pistas**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

VASCONCELOS, Marco Antonio Sandoval de. **Economia: Micro e Macro**, 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ECONOMIA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA, Ministério da Fazenda, 15ª ed, abril de 2012. Disponível em: www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perspectiva-Mar-Abr12-alterado.pdf. Acessado em 16/12/2012.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003**. Disponível em: <[HTTP://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2002_2003perfil/pof2002_2003perfil.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2002_2003perfil/pof2002_2003perfil.pdf)>. Acessado em 04/03/2012.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**. Disponível em: <[HTTP://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009/POFpublicacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009/POFpublicacao.pdf)>. Acessado em 04/03/2012.

Recebido em: 20/02/2013

Aceito em: 14/11/2013



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

Polêm!ca, v. 12, n.2 , abril/junho de 2013